



O AUTORRETRATO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Educando para a superação do racismo.

Bianca Cristina da Silva Trindade

Este artigo surge como uma contribuição à Revista Cactácea, e visa relatar e explorar algumas experiências obtidas na minha pesquisa de conclusão do Mestrado em Educação (2019), intitulada – “Artes, Fazeres e Saberes na Educação Infantil: Educando para as relações Étnico-raciais?”, estudos sob orientação do Professor Dr.º Renato Nogueira, aprovada pelo programa PPGEDUC - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É importante ressaltar que essas foram frutos de investigações com as crianças (04 anos) da Educação Infantil, estudantes do CIEP Municipal, localizado na Zona Oeste - Rio de Janeiro, onde leciono como professora de Arte. O nosso objetivo é demonstrar como o autorretrato pode ser uma importante contribuição na educação para as relações étnico-raciais na infância. Como pesquisadora o nosso interesse inicialmente era perceber, como as crianças da educação Infantil, se viam e se reconheciam racialmente. Pensando a identidade. Acredito que foram importantes contributos ao estudo, os desenhos, e as impressões de si mesmo, sobre a sua cor. Nosso intuito foi provocativo no sentido de reflexão e investigação para pensar em caminhos para a superação do racismo na educação infantil. Para responder algumas questões ancoramos nos referenciais teóricos, em pesquisadores como Stuart Hall (2005), Munanga (2005), Cavalleiro (1998), Nunes (2015), Nogueira (2017), Nilma Lino Gomes (2023) Ana Mae (2010), Kátia Canton (2005), entre outros autores. E através da implementação da Lei 10639/2003, atualmente Art.26 - A (LDBEN), que torna obrigatório o ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira, pensamos na valorização da diversidade racial para enfrentamento do racismo.

Palavras-chave: Infâncias; Autorretrato; Educação Infantil; Educação antirracista.

O caminho trilhado na construção desse diálogo

Iniciamos esse diálogo concordando com Walter Benjamin (2002) “As crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem.” (BENJAMIN, 2002, p.94). Logo, é bem relevante pensar que essas não podem ser isoladas em teorias ou em situações preconceituosas, principalmente as crianças negras que as analisem fora da perspectiva de seu pertencimento de povo e classe que as constituem. Nós também concordamos com Eliane Cavalleiro (2010) e os resultados das pesquisas na que denunciou o silêncio acerca do racismo na educação infantil, pontuando como o silêncio acerca da discriminação racial na escola esse precisa ser combatido veementemente. Afinal, precisamos pensar sobre os efeitos negativos, principalmente na vida das crianças negras. Esse seria “um primeiro elemento importante a considerar, quando pensamos no desenvolvimento da identidade da criança pequena, diz respeito aos efeitos da desigualdade racial na educação infantil” (BENTO, 2012, p. 100). Nesse sentido, pensamos o problema da discriminação racial vivenciada por crianças negras no contexto da educação infantil, e sendo assim aventamos uma hipótese: o autorretrato. Sugerimos que a presença das artes visuais na Educação Infantil (BRASIL, 1998; BRASIL, 2010) pode contribuir para construção da identidade negra, à medida que incorpore as determinações legais que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) e Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana (2008).

Nesse trabalho pensamos em dialogar sobre o racismo na infância, esse representa uma das minhas tensões, e para poder expressar de maneira mais clara a relevância que este tema apresenta para minha vivência como docente negra e pesquisadora de infâncias, penso neste momento expor os fatores e acontecimentos que foram alguns dos motivadores para o desenvolvimento deste estudo. Compartilho esse momento com você leitor...

“Uma bela manhã fui convidada a entrar na sala de aula da Educação Infantil, na turma de crianças de 04 anos, na escola pública ao qual trabalho no Município do Rio de Janeiro, após a professora atender uma solicitação da direção. E fomos surpreendidas!

“Naquele momento, pensando nas culturas infantis promovi algumas brincadeiras com as crianças. Em uma das brincadeiras, num brinquedo cantado com a turma, ao qual teríamos de dar as mãos.

Uma das crianças da turma recusou-se a dar as mãos ao colega, um menino branco melhor dizendo, não quis dar as mãos ao menino negro. A professora da turma presenciou este momento, pois já havia voltado, mas permitiu que a brincadeira continuasse. Perguntei:

“Por que não dá a mão ao colega?”

Esse me respondeu: “Tia se eu der a mão à ele, irei me sujar.”

(Arquivo Pessoal, 2017)

Essa expressão: “Tia, se eu der a mão a ele, vou me sujar!”, me marcou muito. E num primeiro instante, fiquei perplexa ao ouvir isto, de uma criança de apenas 04 anos de idade, a tensão tomou conta da situação. Mas ao mesmo tempo percebemos que essa questão racial, precisava ser tratada na instituição. E ao relembrar este momento marcante, confesso que este foi decisivo para que o meu interesse em pesquisar o racismo no contexto escolar da educação infantil.

E mediante a esse problema vivenciado no campo, pensamos em como falar sobre o racismo. Como trazer um tema tão complexo na Educação Infantil. Em meio a todos esses acontecimentos, os nossos esforços se desdobraram em lutar contra o racismo na escola da infância. E para isso, foi preciso educar as crianças para as relações étnico-raciais. E nesse exercício se fez necessário *conhecer quem são essas crianças? E como elas se veem e se reconhecem racialmente?* E sendo assim, fomos estimulados a construir ações e propostas educativas que nos fizessem agir e pensar nesta luta. E nesse feito, utilizamos a metodologia do autorretrato. No interesse em desenvolver a educação antirracista na escola e na preocupação de repensar: ***Como combater o RACISMO e os preconceitos existentes nos contextos escolares da educação infantil?***

Percebemos a importância de ações dos/as educadores/as no combate às desigualdades na educação infantil. Segundo Munanga (2005), “a violência racial escolar atenta contra o presente, deforma o passado e corrói o futuro.” (Munanga, 2005, p.13). Afinal, vemos que o racismo pode se fazer presente nas escolas e nas relações sociais, e esse, habita entre as nossas crianças. Pensamos na arte do autorretrato e como essa poderia ser um importante instrumento, construtivo e intuitivo. Conforme os documentos legais, a presença da Arte Visual na Educação Infantil devem contemplar três aspectos: fazer artístico, apreciação e reflexão (BRASIL, 1998, p.89). A nossa intenção, era educar para as relações étnico-raciais e conhecer um pouco mais sobre as crianças, como ela se entendem e se percebem racialmente, trabalhando a Identidade racial e a representatividade na escola.

QUEM SOU EU? - Relatando experiência do Autorretrato.

“O autorretrato é o espelho do artista. Ali se reflete a própria imagem, assim como a imagem da arte e de um determinado contexto em que a obra se inscreve.”
(CANTON, 2001)

A tarefa seria essa, se olhar ao espelho e desenhar -se. Entrego o lápis cada um vai fazendo o seu desenho. E observo o quanto eles sempre querem fazer mais e com alegria. Pedimos somente que desenhassem os seus rostos, mas a maioria das crianças preferiram fazer o desenho do corpo todo. Percebemos o quanto as crianças se jogam por inteiro em qualquer atividade.

Figura 01 – Oficina - “Eu sou assim...”



O autorretrato do menino. (04 anos)

Quem é você? No desenho (Figura 1) o menino faz a sua autoimagem. Afinal, o autorretrato é como um retrato que o artista faz de si, podemos ter várias impressões de si mesmo. Se conhecer e conhecer o outro fez parte deste trabalho. Por isso, através dos diálogos protagonizados com elas, e as suas produções artísticas, no intuito de dar voz as crianças e compreender o que pensam sobre o preconceito racial.

Concordamos com Kátia Canton (2004), “uma das estratégias seria instigar o espectador e colocá-lo dentro do espaço expositivo, como um participante ativo na construção de ideias e sentimentos de si (...)”. Valorizando a sua identidade, conhecendo e respeitando os outros é reconhecer as diferenças.

Acreditamos que os conhecimentos de Artes podem promover encontros, e ajudar na compreensão das questões étnico-racial na infância. Considerando as interações importantes na educação infantil, desvelando e atuando para favorecer esse diálogo com o mundo.

Em conformidade com o estudo da Lei Nº 10.639/2003, que atualmente foi incluída na Lei de Diretrizes Básicas de Educação Art. 26-A que se refere à inclusão do estudo da História da África e dos africanos, já referida, visa a luta dos negros no Brasil, e propõe o resgate da cultura negra na educação brasileira.

A nossa intenção é trabalhar a Identidade. Nós pesquisadores da infância não poderíamos deixar de registrar as nossas impressões no “diário de bordo”, revelar um pouco dessas vivências, que posso ressaltar que perceber as tramas e as atividades das crianças serão importantes neste trabalho. E nos revela o quanto podemos aprender com as crianças e construir com elas currículos emancipatórios e antirracistas que valorizem a diversidade étnico-racial.

Nesse momento, vamos trazer um desses diálogos...

Em um belo dia na escola eu pergunto:

“Quem sou eu? Eu sou quem?” Peço a eles para refletirem e ao fazer o seu Autorretrato. Heitor, logo após, olhar-se no espelho o menino, se aplica em fazer o seu autorretrato, passado algum tempo.

Ele me chama, apressadamente: _ Tia, toma aqui. De repente, ele olha para sua obra e diz:

_ *Olha tia, já acabei! “Eu, sou um negro lindo!” (Heitor)*

_ *Que lindo Heitor! (Pesquisadora)*

Nesse momento, o menino H., pega o desenho da minha mão, correu em sua mesa e pegou um giz de cera, escolheu a cor amarela e pintou o seu trabalho. E veio correndo ao meu encontro e disse:

_ *Tia Bianca, agora sim acabei. (Fala H.)*

_ *“Tia faltava a coroa, eu sou um príncipe!” (Diz Heitor)*

FIGURA 2 - O autorretrato do Heitor



Arquivo pessoal, Bianca Trindade

O menino desenhou uma coroa sobre a sua cabeça, como mostra no desenho acima. E como já supracitado, fiquei surpreendida com as palavras do menino e fiquei muito maravilhada por ele usar essas referências.

Conclusão:

O problema debatido é preocupante, nesse sentido é preciso que a educação antirracista esteja presente na proposta pedagógica das escolas desde a Educação Infantil e faça parte de todo currículo educacional. Provocar sensações e interesses mútuos, para favorecer as relações sociais e inter-raciais na desconstrução de preconceitos e discriminações. Por isso ao tocar, ao provocar sensações, ao sentir a textura, ao experimentar o novo e ter experiências próprias nos faz refletir sobre nós mesmo e o outro. Segundo Canton (2004, p.3791), ao abordar práticas contemporâneas de autorretratos, salienta a inclinação dos artistas para “brincarem” com a própria imagem. Dessa forma, o artista projeta-se no autorretrato com liberdade para fazê-lo como desejar. A educação é primordial para enfrentarmos o racismo esse enfrentamento é importante para a representatividade da criança negra.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. “**A identidade racial em crianças pequenas**”. In BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades CEERT, 2012. P. 98-117.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**, 7ed. São Paulo. Editora Cortez, 2011.

BENJAMIN, W. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. 34ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

_____. Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura (Obras Escolhidas v. I). São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.- Art.26 - A.

CANTON, Kátia. Espelho de artista. 2 ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar, ao silêncio da escola**. Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2013.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. In: Racismo I. Revista USP/Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo, (dez/ jan/fev 2005-2006). São Paulo: USP, CCS, 2005-2006, p. 46-57.

NOGUERA, Renato. “Sobre Afroperspectivismo”. ENTREVISTA. Revista Ensaios Filosóficos. Volume X, dezembro de 2014

_____. “Kiriku: heterônimo da infância como experiência e da experiência da infância. Anais do Congresso de Estudos da Infância: Diálogos Contemporâneos, Rio de Janeiro: Uerj, 2017b, pp. 363-370.

Autora

Bianca Cristina da Silva Trindade

Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação /PPGEduc–Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)– Mestra em Educação –UFRRJ. Especialista em Diversidade Étnico-racial e Educação Superior a Brasileira– UFRRJ. Pós-graduada em Artes Visuais/ EAD – Colégio Pedro II. Graduada em Pedagogia. Licenciatura pela UNIABEU. Graduada em Artes Plásticas – UNIVERSO. Membro do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro). Pesquisadora / Grupo de Pesquisa Afrosin–UFRRJ.

<http://lattes.cnpq.br/8538298294332264>

biaartes@yahoo.com.br